

JORNADAS DE JUNHO: POLARIZAÇÃO, FANATISMO E AS MUDANÇAS NO CENÁRIO POLÍTICO NO BRASIL

Jonnathan Gomes Vicente

Fundação Educacional Unificada Campograndense

E-mail: jonnathanvicente7@gmail.com

Prof. Mauro Lopes de Azevedo

Fundação Educacional Unificada Campograndense

E-mail: mauroazevedo@globo.com

Resumo: Hoje em nosso país vivemos um clima de crescente radicalização e fanatismo. O jeito como a maioria dos brasileiros travava a política partidária tem mudado. Essa ebulição de indignações se inicia no marcante mês de junho de 2013, onde uma verdadeira multidão heterogênea sai às ruas para protestar, pois não se viam representados no sistema político. Junho deixou muitas marcas na política brasileira sobretudo no que se refere ao radicalismo e o aparecimento de uma Nova Direita no Brasil.

Palavras-chave: fanatismo; radicalização; protestos; polarização; junho

Abstract: Today in our country, we live in a climate of increasing radicalization, the way how most brazilians treats politics have been changed. This boiling of indignation starts in June of 2013, where a true heterogenic crowd go to the streets to protest, because they think that they were not represented in the political system. June left many marks in the Brazilian politics especially with regard to radicalism and the arising of a new Right Wing in Brazil.

Keywords: fanaticism; radicalization, protests; polarization; june

1. Introdução

A opinião pública sobre a política tem se tornado cada vez mais radical. O fanatismo tem sido uma ação crescente nas discussões e conversas quando o assunto é política. A população praticamente se dividiu entre “coxinhas” e “petralhas”: um grupo agindo agressivamente contra o outro; um chamando o outro de fanático.

O fenômeno do fanatismo é mais estudado no campo da psicologia, que dispõe de grandes especialistas e obras que contemplam esse tema. Porém com os acontecimentos dos últimos anos, faz-se necessária uma análise sociológica sobre o fanatismo. Portanto para estudar esse tema faremos cruzamentos de literaturas referentes às áreas de psicologia e ciências políticas, em busca de trazer uma abordagem mais abrangente sobre essa temática. Na psicologia faremos uso de dois grandes autores Gustave Le Bon um dos primeiros cientistas a estudar comportamento de grupos e Sigmund Freud. Na área das ciências políticas utilizaremos bibliografias diversas que abrangem artigos, livros e pesquisas eleitorais, afim construir uma análise do fenômeno estudado.

Para examinar esse fenômeno achamos necessário no início desse trabalho apresentar o termo *fanatismo* e as suas definições.

No Dicionário Online de Português (2017) a palavra *fanatismo* é definida como: sentimento de cuidado excessivo que pode levar à intolerância religiosa / Excesso de admiração demonstrada por algo ou por alguém (sistema, doutrina, partido político, religião, ídolos, etc.). No entanto BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, (2017) em Dicionário de Política nos chama a atenção para os seguintes aspectos:

No conceito de fanatismo está implícito que a ideia da qual o fanático é devoto, é uma ideia falsa e perigosa, não digna de ser abraçada com tanta perseverança. (...) São consequências de uma atitude e de uma mentalidade fanática a intolerância da ideia alheia e o espírito de insensato proselitismo que não recusa meios violentos ou até cruéis.

Tanto no Dicionário Online de Português quanto no Dicionário de Política, apesar das pequenas diferenças conceituais, algumas características são muito similares como, por exemplo, a adoração e a intolerância. Os aspectos que esses trechos apresentam servem de alerta para quão grave pode ser o desenvolvimento do fanatismo.

Para Le Bon o processo de se tornar fanático está diretamente ligado ao agrupamento de pessoas com opiniões parecidas. Dentro desse grupo seria mais fácil perder parte da racionalidade e ser guiado pelo impulso passional. (LE BON, 2017)

O escritor israelense Amós Oz (2015), traz uma interpretação interessante sobre o fanatismo. Em "Como Curar um Fanático", ele apresenta a possível relação do fanatismo com o fato das pessoas ansiarem por respostas simples para questionamentos complexos.

Então podemos dizer que os fanáticos não buscam maior entendimento da complexidade, mas optam por um viés de "simplificar" o problema. Logo concentram a culpa em um mesmo objeto e então este objeto é passível de ser perseguido e eliminado. Essa sua devoção extrema, fruto da aparente "reflexão irreflexiva", contribui para o fortalecimento desses ideais extremos, que se tornam dogmas para os seguidores. (OZ, 2015)

Gustave Le Bon ao falar sobre as características das multidões diz:

O que há de mais impressionante numa multidão é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam quais forem as semelhanças ou diferenças no seu gênero de vida, nas suas ocupações, no seu caráter ou na sua inteligência, o simples fato de constituírem uma multidão concede-lhes uma alma coletiva. Esta alma fá-los sentir, pensar e agir de uma maneira diferente do modo como sentiriam, pensariam e agiriam cada um isoladamente. Certas ideias, certos sentimentos só surgem e se transformam em atos nos indivíduos em multidão. A multidão psicológica é um ser provisório, composto de elementos heterogêneos que, por momentos, se uniram, tal como as células que se unem num corpo novo formam um ser que manifesta caracteres bem diferentes daqueles que cada uma das células possui. (Le Bon, 2017, p. 12).

Apesar de Le Bon mencionar que multidões são formadas por pontos em comum entre diversas pessoas, ele adverte que quando essas pessoas se unem as diferenças são deixadas de lado, formando assim uma alma coletiva e esta seria a condutora das ações do grupo. Como consequência desse processo, os indivíduos faziam em grupo o que possivelmente não fariam individualmente. Em contraponto Freud afirma que:

Partimos do fato fundamental de que o indivíduo num grupo está sujeito, através da influência deste, ao que com frequência constitui profunda alteração em sua atividade mental. Sua submissão à emoção torna-se extraordinariamente intensificada, enquanto que sua capacidade intelectual é acentuadamente reduzida, com ambos os processos evidentemente dirigindo-se para uma aproximação com os outros indivíduos do grupo; e esse resultado só pode ser alcançado pela remoção daquelas inibições aos instintos que são peculiares a cada indivíduo, e pela resignação deste àquelas expressões de inclinações que são especialmente suas (Freud, 1920, p. 12).

Apesar dos aspectos semelhantes, Freud vê esse fenômeno não como uma "mente coletiva" que domina os indivíduos, mas apresenta a possibilidade de que as ações cometidas pelo grupo são na verdade vontades presentes em cada participante. No

entanto, esse desejo era reprimido ou censurado, mas dentro do grupo essa censura seria removida, facilitando ações mais emotivas.

Todavia apesar das discordâncias, o ponto de maior similaridade entre as teorias é que o indivíduo tende a ter comportamentos sob o domínio das emoções. Porém ao aplicarmos essas concepções sobre manifestações políticas, segundo Weber podemos caracterizar essas ações como de predominância afetiva. Mas é necessário lembrar que os tipos ideais de Ação Social apresentados por Weber não aparecem separados. Então afirmar que as ações são puramente emotivas se torna um equívoco, pois apesar da forte influência passional, há presença de objetivos em suas ações.

Além da já perigosa característica dogmática presente no fanático, ele pode ter o agravante da violência e intolerância, como pode ser visto em diversos momentos históricos. Tais ações como os Expurgos Stalinistas, Macarthismo, Fascismo, Nazismo entre outros, são grandes exemplos do poder de destruição dessa prática (PINSKY e PINSKY, 2004). Esses grupos de fanáticos tendem a perseguir outros grupos que eles consideram inferiores ou falhos em se encaixar nos padrões aceitáveis por eles – na maioria das vezes as vítimas são as minorias.

Apesar dos exemplos acima terem sido retirados do século XX, hoje, em pleno século XXI, vivemos um período crítico, pois percebemos o crescimento das ideias radicais, violentas e intolerantes, projetadas pelos pontos extremos das ideologias. No entanto essa radicalização não é simétrica, tendo na direita crescimento de aspectos mais radicais, como apresentaremos posteriormente nesse trabalho. E essas ideias têm conquistado adeptos em vários países, inclusive no Brasil, onde percebemos um crescimento exponencial da polaridade política a partir dos protestos de 2013, consequentemente ampliando o fanatismo.

2. Protestos e radicalização

As manifestações políticas, como vimos anteriormente podem apresentar fortes impulsos emocionais. Porém não devemos esquecer, que além desses impulsos, aquelas apresentam alguns objetivos. Sobretudo quando falamos das manifestações ocorridas em junho de 2013, podemos perceber características de fanatismo.

Para compreender esse movimento que possivelmente foi crucial para o aumento do fanatismo, se faz necessário um retrospecto para examinar as Jornadas de Junho. Seguindo então por essa direção, recapitulemos os fatos para verificar as motivações, descontentamentos e o objetivos das Jornadas.

As Jornadas de Junho foram iniciadas pelos protestos organizados pelo MPL – Movimento Passe Livre. Esse movimento organizou os primeiros protestos. Esse movimento se apresenta como horizontal e apartidário, além de ser anticapitalista e não ter como foco pautas genéricas, mas se direciona em combater os “sintomas” do sistema capitalista (WAINER, 2018).

As manifestações de junho não foram as primeiras a combater os aumentos de tarifa. Elas sofreram forte influência da “Revolta do Buzu” em Salvador e a “Revolta da Catraca” em Florianópolis. Ambas tiveram resultados satisfatórios e serviram como exemplo para o MPL (WAINER, 2018).

As manifestações contra o aumento das tarifas de transporte começaram antes de junho. Nos dias 27 e 28 de maio, já aconteciam protestos pela causa carregada pelo MPL. Essas ações contavam com a presença de alguns estudantes universitários. Contudo, foi no dia 6 de junho que o movimento ganhou repercussão nacional, com a participação de aproximadamente 5 mil pessoas.

Já nas primeiras grandes manifestações, era possível destacar que 1) a multidão já apresentava características heterogêneas; 2) havia mistura de grupos políticos com simpatizantes; 3) a maioria dos manifestantes não queriam conflito, mas havia uma menor parte mais agressiva que usava a prática *Black Bloc*; 4) os acordos de trajetória feitos com a polícia não foram cumpridos, possivelmente pela falta de unidade de liderança – muitos se diziam líderes (WAINER, 2018).

A soma da aplicação da tática *Black Bloc*, mais a “quebra do acordo” estabelecido, possivelmente serviram de combustível para o aumento da já habitual agressividade e repressão policial. E isso pode ser verificado no dia 13 de junho: nesse dia houve um aumento exponencial da violência cometida por policiais. Com o maior uso da violência ocorreram incidentes envolvendo até mesmo a mídia, o que foi crucial para a popularidade do movimento. Como resultado a mídia, em geral, começou a apoiar com mais empenho os protestos. A cobertura que a população fez usando as câmeras dos smartphones, compartilhando relatos de violência e abuso de autoridade, colaborou para que o movimento ganhasse mais força.

Os protestos continuaram ocorrendo com constância. No entanto, com a revogação do aumento das tarifas, o grupo - ou os grupos, pois havia pluralidade ideológica – se tornaram mais divididos (WAINER, 2018). A pauta que trazia o mínimo de união a esses plurais se desfaz e, com isso, as reivindicações mais específicas de cada grupo se tornam mais visíveis, acirrando a rivalidade entre antagonistas políticos.

Essa metamorfose no movimento chamou a atenção de algumas pessoas. Uma delas foi a socióloga Marília Moschkovich, que postou em seu blog um texto analisando os fatos “estranhos” no movimento.

As reações de militantes variavam. Houve quem achasse lindo, afinal de contas, era o povo nas ruas. Houve quem desconfiasse. Houve quem se revoltasse. Houve quem, entre todos os sentimentos possíveis, ficasse absolutamente confuso. Qualquer levante popular em que a pauta não eh [sic] muito definida cria uma situação de instabilidade política que pode virar qualquer coisa. Vimos isso no início do Estado Novo e no golpe de 1964, ambos extremamente fascistas. Não quer dizer que desta vez seria igual, mas a história me dizia pra ficar atenta. (MOSCHKOVICH, 2018)

As Jornadas de Junho não começaram muito homogêneas. Porém as mudanças que vieram ocorrendo a transformaram no estopim de uma radicalização e polarização política que ainda ecoa em todo país. Outro autor que examinou esses acontecimentos foi o André Singer, que ao escrever sobre as jornadas a divide em três partes. Esse momento de divisão de pautas, é segundo ele a chamada segunda fase dos protestos. Fase em que os cartazes começam a ter grande diversidade de temas. Ele escreve:

Na segunda, 17, quando o MPL chama a quarta jornada, que juntou em São Paulo 75 mil pessoas, ela é replicada nas maiores capitais do país da maneira espontânea. Surge quase um cartaz por manifestante, o que leva a uma profusão de dizeres e pautas: “Copa do Mundo eu abro mão, quero dinheiro pra saúde e educação”, “Queremos hospitais padrão Fifa”, “O gigante acordou”, “Ia ixcrever augu legal, maix fautô edukssão” [sic], “Não é mole, não. Tem dinheiro pra estádio e cadê a educação”, “Era um país muito engraçado, não tinha escola, só tinha estádio”, “Todos contra a corrupção”, “Fora Dilma! Fora Cabral! PT = Pilantragem e Traição”, “Fora Alckmin”, “Zé Dirceu, pode esperar, tua hora vai chegar”, foram algumas das inúmeras frases vistas nas cartolinas. (SINGER, 2018)

Nessa diversidade de temáticas, percebemos uma clara insatisfação política em vários aspectos. Todos ansiando por um país melhor, mas melhor segundo quais pressupostos políticos? E como melhorar? São questões que se mostraram latentes nas manifestações.

Segundo Otávio Luiz Vieira Pinto (2018), o descontentamento implícito nos protestos serviu de solo fértil para o crescimento de um pensamento mais conservador. A não permissão de bandeiras partidárias e um crescimento de um “antipetismo” são indicadores dessa mudança no campo político brasileiro. Mudança de uma postura inicialmente apartidária para uma antipartidária alimenta uma radicalização política. Nessa crescente radicalização política surge uma nova direita, que de acordo com Abreu e Allegretti (2018) é um grupo com discurso violento, de ódio partidário, disseminador do antipetismo e saudosista dos governos militares, tendo uma visão romântica do período da ditadura:

Destas manifestações que desapareceram das ruas com o mesmo grau de espontaneidade e intensidade de seu surgimento, emergiu no cenário político brasileiro uma nova direita. Caracterizado pelo discurso violento, assentado no ódio partidário, esse novo espectro político refugiou-se nas redes sociais, propagando o sentimento descrito como antipetismo.

3. Prováveis Motivações

As Jornadas de Junho se apresentaram como um momento marcante na história política do Brasil. À primeira vista, esse movimento parece surgir de forma abrupta, surpreendendo à sociedade brasileira. Entretanto, segundo Marcos Nobre (2018), esses protestos são consequências da prática definida como “pemedebismo”. Para compreender essa prática precisamos entender que ela surge de uma unidade forçada de partidos “progressistas” para derrotar o governo militar. Apesar disso, o PT foi o único partido progressista que não se aliou a esse movimento.

Com essa união de forças, o PMDB sai vitorioso nas eleições indiretas para a presidência em 1985. Com o falecimento de Tancredo Neves, o seu vice José Sarney assume a presidência da república. Contudo, apesar dessa vitória, o processo de democratização se mostrou lento e morno. Se blindando e neutralizando as reivindicações populares e grandes transformações, o bloco suprapartidário se manteve no controle político. Essa habilidade de resistir e combater grandes transformações se mostrou muito eficaz, porém os protestos de junho de 2013 mostraram o descompasso do sistema político com a realidade das ruas (NOBRE, 2018). Marcos Nobre, ao relacionar as Jornadas de Junho com a prática pemedebista, escreve:

As revoltas mostram que o funcionamento do sistema está em descompasso com as ruas. A sociedade alcançou um grau de pluralismo de posições e tendências políticas que não se reflete na multidão informe de partidos políticos.

Quase todo partido brasileiro pretende, no fundo, ser – grande ou pequeno – um PMDB, ou seja, um amálgama de interesses que sempre está no governo, qualquer que seja o governo.

As práticas uniformes de grande parte dos partidos brasileiros, têm gerado uma crescente revolta. A “tradição política do pemedebismo” é um impedor de práticas democráticas, a população sabe e sente que está sendo lesada e percebe o quão contraditório é para a democracia essa prática de uniformidade política.

É interessante observar que essa erupção de revoltas se dá em um governo petista e que essa radicalização contra o sistema político, em geral, possa ter influência de algumas ações do governo Lula. O PT foi o único partido que não se envolveu no grande acordo de onde surgiu o “pemedebismo”. Ele assumiu para si o peso de ser representante de pautas populares, fazendo forte oposição no sistema bipartidário apresentado nos governos de Fernando Henrique Cardoso. No entanto, nos governos Lula, as ações políticas não responderam completamente aos anseios populacionais. Apesar de ter feitos mudanças positivas, o governo petista não proporcionou mudanças profundas como muitos ansiavam. Infelizmente, agindo sob a norma política vigente, o PT também se blindou e isso pode ter alimentado um sentimento de decepção por parte de seus simpatizantes. Estes fatores culminaram nas tensões ideológicas que iriam explodir em 2013. Outro ingrediente que parece compor essa mistura seriam os problemas na formação política da geração nascida a partir dos anos 90, já que nesse período não parecia haver reais polarizações ideológicas. Sob o domínio da uniformidade política, uma geração inteira parece não ter uma clara opinião formada. Sobre isso, Nobre (2018) afirma:

Mas um país não sai incólume de vinte anos quase ininterruptos de pemedebismo. Uma juventude que cresceu vendo uma política de acordos de bastidores, em que figuras políticas adversárias se acertam sempre em um grande e único condomínio de poder, não tem modelos em que basear uma posição própria, a não ser o da rejeição em bloco da política. Quem nasceu da década de 1990 em diante, por exemplo, não assistiu a qualquer polarização política real, mas somente a polarizações postizas, de objetivos estritamente eleitorais. O pemedebismo minou a formação política de toda uma geração.

4. Consequências das Jornadas

Os acontecimentos de junho ecoaram e ecoam na sociedade brasileira. O embrião

de extrema-direita que estava nas jornadas de junho se desenvolve tomando forma mais robusta e sistemática. Um momento marcante dessa nova direita foi o ano de 2015 onde eles organizaram protestos onde empunhavam bandeiras autoritárias, conservadoras e sobretudo antipetistas.

No dia 15 de março de 2015, as ruas do Brasil foram tomadas por uma multidão de pessoas vestindo verde e amarelo e empunhando bandeiras autoritárias e conservadoras. Os cartazes que pediam “combate à corrupção”, “Basta! Cadeia para os corruPTos”, “SOS FORÇAS ARMADAS nossa última chance”, “intervenção militar já” e “impeachment: tira a Dilma”, “Fora Dilma e leve o PT Junto” surpreenderam por expressarem um movimento de caráter de direita e extrema direita que ameaça a recente democracia brasileira. Os organizadores mais destacados dessas manifestações são o Movimento Vem Pra Rua, Movimento S.O.S Forças Armadas e Movimento Brasil Livre e o Ato foi convocado com o objetivo de reivindicar o impeachment de Dilma Rousseff (Silva, 2017).

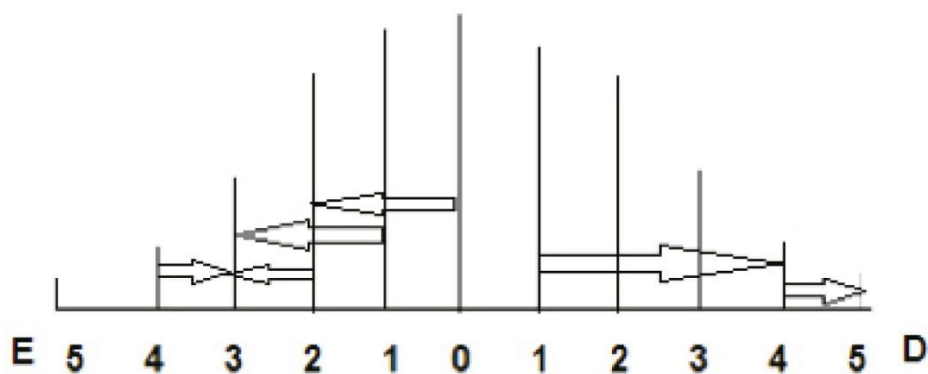
Ao observarmos uma “multidão verde e amarela” carregando pautas como essas mencionadas acima, nos causa um espanto perceber que esse crescimento se dá de forma aparentemente tão abrupta. Mas qual é o rosto dessa nova direita? Quais são as suas características? Segundo Silva (2017), esse movimento tem conquistado adeptos na classe média mas busca alcançar setores mais populares, fazendo uso de discursos conservadores para a adesão do movimento.

Com a radicalização da direita, a esquerda perdeu espaço e reagiu retrocedendo para não ser vinculada aos protestos da nova direita e por ter se desmotivado ao ver os elogios desse novo movimento (Brugnago e Chaia, 2018) deixando assim, de ser a única protagonista dos movimentos de rua. No entanto, apesar disso, ela não toma uma postura de grande radicalização. Fabrício Brugnago e Vera Chaia afirmam que: “No caso específico das manifestações daquele junho, a esquerda não chegou ao ponto da radicalização”. Segundo a análise dos mesmos autores:

Apesar de a maioria das pessoas no pico do manifesto se considerar de centro, podemos dizer realmente que a dualidade esquerda e direita renasceu no Brasil mais forte do que nunca. A esquerda se entendeu na necessidade de não mais se contentar com um discurso conciliador centrista; precisava se identificar como esquerda e se diferenciar da nova classe de direita (Brugnago e Chaia, 2018).

O trecho faz referência ao discurso mais centrista que fora adquirido como consequência das eleições de 2002, onde Lula adota uma posição mais conciliadora para contrapor a campanha do PSDB que se baseava no medo de um governo de esquerda (Brugnago e Chaia, 2018). Esta postura mais centrista foi bem recebida por grande parcela da população, porém os acontecimentos da história política recente do Brasil impulsionaram a esquerda para uma nova postura. Ou seja, tornando mais clara a posição política de ambos os lados.

Parece notória a percepção da radicalização e polarização política, mas se faz necessário examinar como se expressa essa polarização. Para Brugnago e Chaia (2018) esse processo é assimétrico, eles tomaram como objeto de exemplo as eleições de 2014. Ao fazer uma pesquisa, eles identificaram as características ideológicas dos grupos votantes.



Fonte: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/22032/16586>

O gráfico acima é referente às posições ideológicas nas eleições de 2014. Sendo de 0 a 5 os graus de radicalismo, E (esquerda) e D (direita). Averiguando esse gráfico vemos que é um dado que corrobora com a ideia de polarização assimétrica. Referente à esquerda, vemos que o grupo de grau 0 aumentou para 2, os de grau 1 aumentaram para 3, semelhante aos de grau 2; contudo, os de grau 4 reduziram para 3. Já na direita, percebemos apenas dois movimentos no grau ideológico: pessoas de grau 1 aumentaram para 4 e pessoas de grau 4 subiram para 5, o nível mais radical. Essa pesquisa nos mostra o quão impactante foram as mudanças ideológicas, principalmente na direita. Já que pessoas que classificadas como centro-direita se tornaram mais radicais fazendo surgir

esse novo rosto da direita.

O filósofo Paulo Eduardo Arantes compara essa nova direita no Brasil com a direita norte-americana. Ele relata que essa direita estadunidense não tem como objetivo ter maioria nos governos: a mesma estaria interessada em impedir o surgimento de alguns governos. Não estaria interessada em construir políticas no legislativo, pois estaria sendo financiada por grandes corporações. Sendo assim, seus integrantes estariam plenamente à vontade para ter posições inegociáveis. Essa nova postura de radicalismo ideológico e intolerância leva ao fanatismo (Liliana Liviano Wahba). Para Jung (1948/1978) o fanatismo era resultado de uma dúvida inconsciente, uma incerteza; e para evitar esses conflitos internos estabelece uma verdade indiscutível. Fazemos aqui uma ressalva, pois quando falamos de fanáticos políticos, estamos falando de pessoas com uma visão ideológica inquestionável e infalível. Diferente de pessoas com posicionamento firme, porém não dogmático.

Um bom modo de aferir essa situação política é através de pesquisa quantitativas, sobretudo pesquisas eleitorais. Apesar de serem capazes de dar conta apenas da quantidade e não de características mais pessoais – podendo até ter uma visão não muito fiel da realidade (GRAMACHO, 2017) –, essa fonte é importantíssima para tentar traçar um panorama mais abrangente, principalmente no que se refere a problemas de âmbito nacional.

Para análise podemos destacar uma pesquisa feita em 2017 e divulgada pela Confederação Nacional dos Transportes (CNT) onde o ex-presidente Lula apresenta hoje 30,5% das intenções de votos contra 11,8% de Marina Silva e 11,3% do deputado Jair Bolsonaro (DECAT, 2017). Quando a consulta é espontânea Lula também lidera com 16,6% as intenções. Neste caso, Bolsonaro aparece em segundo com 6,5% e Aécio Neves em terceiro, com 2,2%. A soma de branco/nulo ou indecisos chega, contudo, a 67,8% (DECAT, 2017). Essa foi uma das primeiras pesquisas em que o ex-presidente se apresenta como um forte candidato à presidência e causou surpresa para algumas pessoas, pois não esperavam que o Lula fosse um candidato com tanta força.

Para uma maior confiabilidade nas pesquisas qualitativas iremos comparar informações de vários órgãos de pesquisa. Os números dados a seguir se referem à última pesquisa feita pelo órgão Data Folha (cenário com Alckmin): Lula: 31%, Bolsonaro: 15%; pelo DataPoder360: Lula: 30%, Bolsonaro: 22%; CNT Lula: 33%, Bolsonaro: 17%;

Paraná Pesquisa: Lula: 28%, Bolsonaro: 20% (Pesquisas, 2018). Em todas as pesquisas apresentadas. Lula está à frente. No entanto, em todas se apresenta um grande número de votantes de Bolsonaro. Usando mais pesquisas para obter um resultado mais confiável, percebemos a confirmação por via quantitativa o avanço exponencial de um grupo de direita mais radical.

Cabe agora examinar alguns aspectos que nos chama a atenção nas informações dessas pesquisas. Vimos que os dois candidatos que mais se destacaram foram Lula e Bolsonaro: candidatos com posturas muito ideologicamente divergentes. Lula um tradicional candidato da esquerda que já há muito tempo a representa. Porém o candidato da direita, Jair Bolsonaro, aparece na crescente radicalização, já que o mesmo é um dos nomes mais populares da nova direita (Faria e Velleda, 2018).

Podemos supor que esses candidatos são resultados desse movimento de polarização. Lula, que assumiu uma postura mais conciliadora, se encaixa no perfil da esquerda menos radical demonstrada na pesquisa de Brugnago e Chaia. No entanto, o perfil mais agressivo de Jair Bolsonaro condiz com um grupo mais radical que vem crescendo na direita.

O fenômeno da nova direita que se fortalece pós Jornadas de Junho não é exclusividade brasileira. De acordo com Boaventura Sousa Santos (2015) esse fenômeno é de escala global e observamos vários exemplos desse crescimento. Na Alemanha temos o partido de extrema-direita “Alternativa para a Alemanha” (AfD), que se opõe à decisão do governo de Angela Merkel em abrir o país para refugiados. O partido teceu duras críticas chegando ao ponto de chamar o governo de “traidores da raça” e se referindo aos alemães como “comunidade de sangue” – ambas expressões de cunho nazista. A Áustria apresenta um cenário preocupante após o candidato do “Partido da Liberdade” (FPÖ), que é anti-imigração e eurocêntrico, ter vencido o primeiro turno das eleições em 2016, o candidato perde o segundo turno, mas obtém 46,7% dos votos. Na França, Marine Le Pen, da “Frente Nacional” (FN), alcançou índices de até 31% de intenção de votos para as eleições presidenciais de 2017, sendo muito popular entres os jovens de 18 a 25 anos. A Suíça, país com tradição forte na diplomacia internacional, tem agora o “Partido Popular Suíço” (SPV) como comandante do poder executivo. Nas eleições legislativas húngaras de abril de 2014, o partido neofascista, antisemita e de perseguição aos ciganos “Movimento por uma Hungria Melhor” (Jobbik) recebeu 20,7% dos votos dados à sua

coalizão vitoriosa, também integrada pelo partido “União Cívica Húngara” (Fidesz) e pelo “Partido Democrata Cristão” (KDNP). O partido de extrema-direita “Lei e Justiça”, teve 39% dos votos na vitória nas eleições de outubro de 2015 (Faria e Velleda, 2018). E, nos Estados Unidos, a vitória de Donald Trump nas eleições em 2016.

Esses e outros fatos são exemplos da onda de extrema-direita que vem afetando várias partes do mundo. Em uma entrevista ao Jornal Nexo, Carlos Gustavo Poggio apresenta três motivos para o crescimento dessa nova direita:

A primeira é de ordem econômica, derivada das transformações na estrutura econômica dos países desenvolvidos que têm feito desaparecer os empregos que exigem menor grau de instrução. Isso tem aprofundado a distância não apenas econômica mas espacial e cultural entre o topo e a base da pirâmide social nesses países, o que ajuda a reforçar os impactos de uma segunda razão, que me parece a mais importante: o processo de transição demográfica em países desenvolvidos, derivado da baixa taxa de natalidade combinada com altos índices de imigração. Nesse processo, “maiorias” vão gradualmente tornando-se “minorias”, o que gera um sentimento de deslocamento econômico-social e de perda de laços identitários, abrindo espaço para forças políticas que articulam uma narrativa nativista, construindo o estrangeiro como inimigo. Finalmente, uma terceira razão é a ascensão das redes sociais e de novas formas de consumo e de produção de informação, o que permitiu a difusão de ideias que de outra forma seriam bloqueadas pelos canais de comunicação tradicionais (CHARLEAUX, 2018).

No entanto, essas características se encaixam melhor no contexto europeu e desenvolvido não em um país de capital periférico e subdesenvolvido como o Brasil. Ele mesmo afirma que os três motivos apresentados não estão presentes no Brasil, mas o nosso país está sob influência desses aspectos (CHARLEAUX, 2018). Podemos supor que um aspecto unânime nos casos dessa radicalização é a presença da insegurança, que já apresentamos anteriormente. Insegurança essa que leva à radicalização e esta última, por sua vez, leva ao fanatismo.

5. Considerações finais

Observamos a dicotomia entre Le Bon e Freud sobre o funcionamento das ações fanáticas para compreender, sob uma ótica psicológica, o crescimento do radicalismo que teve possivelmente a sua nas manifestações de junho – onde grupos heterogênicos se uniram nas ruas e posteriormente disputaram as ruas em prol de suas próprias demandas.

Nesse contexto de grande mobilização populacional, a direita se apresenta sob uma nova formulação. Esse radicalismo crescente não só no Brasil foi visto como danoso sob um aspecto da psicologia, pois traz consigo características de irracionalidade, agressividade, ânsia pela eliminação do outro e intolerância. Mas essa radicalização e fanatismo teria aspectos somente negativos? Para Frederico de Almeida, a radicalização em essência não seria algo plenamente ruim. O mesmo afirma a importância em ter claro as posições antagônicas em uma democracia. Contudo, ele observa que ambos os lados precisam ter a lógica interna considerada. Glauco Peres da Silva adverte que o radicalismo que anseia pela eliminação do outro, que o vê como descartável. Esse sim ofereceria um grande risco ao sistema democrático (CHARLEAUX, 2018). É nessa questão que vemos a clara distinção entre o radical, firme em sua postura, e o fanático que nem ao menos se preocupa em ouvir o adversário porque o enxerga como um inimigo.

Em concordância com Almeida, acreditamos que o que vemos hoje é um resultado de uma aglomeração de fatos (CHARLEAUX, 2018) que tem contido neles motivações internacionais e nacionais que influenciaram grupos de pessoas a agirem como o que já fora apresentado. Supomos que seria uma espécie de “catarse política” que reage ao domínio do pemedebismo. Porém, ainda há muito a se estudar sobre essa tática, que ainda é jovem, e não podemos ver as suas consequências a longo prazo. Cremos que ainda estamos em meio a esse processo. Não se trata da radicalização que ocorreu; se trata da radicalização que está ocorrendo. Porém, o que nos parece claro, é que as posturas firmes seriam necessárias para a sociedade, mas a visão de eliminação alimentada principalmente pela extrema-direita é danosa e pode pôr em risco a estrutura democrática.

Referências:

BOBBIO, NORBERTO; MATTEUCCI, NICOLA; PASQUINO, GIANFRANCO. **DICIONÁRIO DE POLÍTICA**. 11. Disponível em: <https://mpassosbr.files.wordpress.com/2013/03/dicionario_de_politica.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2017.

FERNANDES, NATHAN; TANJI, THIAGO. **O Brasil virou o país do fanatismo?**. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/05/o-brasil-virou-o-pais-do-fanatismo.html>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

DICIONÁRIO Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/fanatismo/>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

OZ, Amós. **Como curar um fanático**: Israel e Palestina: Entre o certo e o certo. [S.l.]: Companhia Das Letras, 2015. 104 p. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13767>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

PINSKY, Jaime ; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Faces do fanatismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. 285 p

PIERUCCI, Antônio Flávio. **AS BASES DA NOVA DIREITA**. Disponível em: <http://novos estudos.org.br/v1/files/uploads/contents/53/20080623_as_bases_da_nova_espera.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2017.

SILVA, Ilse Gomes. **AUTORITARISMO E CONSERVADORISMO NA DEMOCRACIA BRASILEIRA**: a direita brasileira mostra a sua cara nas ruas. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo3/autoritarismo-e-conservadorismo-na-democracia-brasileira-a-direita-brasileira-mostra-a-sua-cara-nas-ruas.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

LÖWY, Michael. **Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n124/0101-6628-sssoc-124-0652.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2017.

MADEIRA, Rafael Machado; TAROUCO, Gabriela da Silva. **ESQUERDA E DIREITA NO BRASIL: uma análise conceitual**. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/591/2744>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

GRAMACHO, Wladimir. **Fontes de erros das pesquisas eleitorais no Brasil em 2010: uma análise exploratória**. Disponível em: <http://www.waporbh.ufmg.br/papers/Wladimir_Gramacho.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2017.

BARBOSA, JEFFERSON RODRIGUES. **IDEOLOGIA E INTOLERÂNCIA: A EXTREMA DIREITA LATINO-AMERICANA E A ATUAÇÃO NO BRASIL DOS HERDEIROS DO EIXO**. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/1172/1046>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

MENDES, Antonio Manuel Teixeira. **O PAPEL DAS PESQUISAS ELEITORAIS**. Disponível em: <http://www.novosestudios.org.br/v1/files/uploads/contents/63/20080624_o_papel_das_pesquisas.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2017.

TAROUCO, Gabriela da Silva; MADEIRA, Rafael Machado. **PARTIDOS, PROGRAMAS E O DEBATE SOBRE ESQUERDA E DIREITA NO BRASIL**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v21n45/a11v21n45.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

BRUGNAGO, Fabrício; CHAIA, Vera. **A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook**. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/22032/16586>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

DECAT, Erich. **Lula lidera com 30,5% dos votos em eventual disputa em 2018, diz pesquisa**. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,lula-lidera-com-30-5-dos-votos-em-eventual-disputa-em-2018-diz-pesquisa,70001666636>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

RBA, Redação. **Vox Populi: com 35%, Lula lidera preferências para 2018**. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2016/10/vox-populi-lula-lidera-com-35-preferencias-para-2018-8214.html>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

MARICATO, Ermínia et al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. 112 p.

LE BON, Gustavo. **Psicologia Das Multidões**. Disponível em: <<https://archive.org/details/LEBONGustave.PsicologiaDasMultidoes>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

SINGER, André. **Dossiê: Mobilizações, protestos e revoluções: Brasil, junho de 2013**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n97/03.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

ABREU, Jonas Modesto; ALLEGRETTI, Giovanni. **COMPORTAMENTO POLÍTICO VIOLENTO E AVANÇO GLOBAL DA DIREITA: UMA ANÁLISE DO CASO BRASILEIRO**. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/criticassociedade/article/view/36545/20239>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

SILVA, Ederson Duda da. **As bases da nova direita: estudo de caso do Movimento Brasil Livre na cidade de São Paulo**. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:vuY-UbRPw-sJ:conferencias.fflch.usp.br/SDB/simposiodireitas/paper/download/2186/496+&cd=11&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

SILVA, Ilse Gomes. **AUTORITARISMO E CONSERVADORISMO NA DEMOCRACIA BRASILEIRA: a direita brasileira mostra a sua cara nas ruas**. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo3/autoritarismo-e-conservadorismo-na-democracia-brasileira-a-direita-brasileira-mostra-a-sua-cara-nas-ruas.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2018.

FARIA, Glauco; VELLEDA, Luciano. **Até onde vai a 'nova direita'?**. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2017/05/ate-onde-vai-a-nova-direita>>. Acesso em: 02 maio 2018.

CHARLEAUX, João Paulo. **Por que a extrema direita cresce no mundo, segundo este estudioso**. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/09/29/Por-que-a-extrema-direita-cresce-no-mundo-segundo-este-estudioso>>. Acesso em: 07 maio 2018.

WAINER, João. **Junho: O Mês que Abalou o Brasil**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9qcrPve51qo>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

LUCENA, Eleonora de. **Nova direita surgiu após junho, diz filósofo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1541085-nova-direita-surgiu-apos-junho-diz-filosofo.shtml>>. Acesso em: 08 maio 2018.

PESQUISAS Eleitorais: **TODAS AS PESQUISAS ENVOLVENDO OS PRÉ-CANDIDATOS NAS ELEIÇÕES 2018**. Disponível em: <<http://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/pesquisas-eleitorais/>>. Acesso em: 08 maio 2018.

CHARLEAUX, João Paulo . **A quem interessa o clima de radicalização política no Brasil**. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/07/26/A-quem-interessa-o-clima-de-radicaliza%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica-no-Brasil>>. Acesso em: 06 maio 2018

PINTO, Otávio Luiz Vieira. **Os protestos no Brasil, ou Sobre como a passagem de ônibus revelou contradições**. Disponível em: <<https://badioustudies.files.wordpress.com/2016/11/otc3a1vio-luiz-vieira-pinto-os-protestos-no-brasil-ou-sobre-como-a-passagem-de-c3b4nibus-revelou-contradic3a7c3b5es-pp-156-157.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

NOBRE, Marcos. **Choque de Democracia: Razões da Revolta**. Disponível em: <<http://politicaedireito.org/br/wp-content/uploads/2017/02/Choque-de-Democracia-Marcos-Nobre-1.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2018.